

A ESTRANHEZA NOS CONTOS FANTÁSTICOS¹

| TEREZA MÔNICA BARRETO BASTOS² E MARCELA MELLO RANIER³

RESUMO

O que há por trás da sensação de estranheza apresentada nos contos fantásticos? Freud, em seu artigo de 1919, intitulado “Das Unheimlich” (*O estranho*, em português), aponta diversas direções para a compreensão do que poderia ser essa sensação, afirmando que é o retorno do recalcado, “o que estava oculto e veio à luz”. As autoras pretendem demonstrar, através desse estudo dos contos fantásticos, os aspectos envolvidos nessas histórias, articulando-os com o sentimento de desamparo provocado pelo encontro desse “estranho-familiar”.

Palavras-chave: O Estranho. Contos fantásticos. Angústia. Medo. Sentimento de desamparo.

ABSTRACT

What is behind the sense of strangeness presented in the fantastic tales? Freud in his 1919 *Das Unheimlich* article, *The Stranger*, points out several directions for understanding what this sensation might be, stating that it is the return of the repressed, “what was hidden and came to light”. The authors aim to demonstrate, through this study of the fantastic tales, the aspects involved in these stories articulating with the feeling of helplessness caused by the meeting of this strange-familiar.

Keywords: The Stranger. Fantastic tales. Anguish. Fear. Feeling of helplessness.

1 Trabalho apresentado na III Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR, que teve como tema O Estranho em nós.

2 Membro efetivo da IPA e Membro efetivo-didata da SPFOR.

3 Analista em formação na SPFOR

Diz-se, desde muito tempo, que as pessoas se apavoram com imagens que julgam estranhas, como bruxas, fantasmas, animais selvagens, pois suscitam medo. Que medo seria? Medo da morte? Medo da castração? Medo do outro ou de si mesmo?

A literatura fantástica conta diversas histórias que nos levam a pensar sobre esse sentimento, que também pode ser vivido em nós de alguma forma. Ao lermos esses contos, as sensações provocadas são no mínimo estranhas, e nos fazem refletir quanto à criatividade de tais escritores.

A dissertação de Márcio Cícero de Sá (2003) traz as definições de vários autores do século XIX e XX sobre os contos fantásticos. Segundo Sá (2003), o termo fantástico foi associado, principalmente a partir do século XIX, às obras que possuíam uma temática ligada aos fantasmas. Esclarece que a literatura fantástica foi definida e redefinida durante quase setenta anos, acrescentando que a vertente literária do fantástico recebera influências constantes da Psicanálise.

Entre os diversos autores estudados por Sá (2003), podemos destacar alguns sobre os quais falaremos a seguir:

H. P. Lovecraft escreveu a obra *O horror sobrenatural em literatura*, publicada somente em 1945, após sua morte, embora seus escritos fossem disponibilizados desde 1927. O autor definiu a literatura fantástica como aquela capaz de suscitar o medo do desconhecido no leitor. Cita alguns medos que se perpetuam ao longo do tempo, como o receio que a criança tem do escuro e que o adulto tem do que poderia se esconder nos confins do espaço sideral. Afirma que fatos não explicáveis através da ciência, mas pertinentes ao mundo real, constituiriam o foco da narrativa fantástica. Esses fatos seriam acrescidos do desconhecido, tratado e formalizado em rituais religiosos, do mistério não decifrado do cosmos e do folclore popular.

Para Lovecraft (1945), era de importância absoluta que uma atmosfera fosse criada pelo escritor para que o medo se instalasse. Uma atmosfera de terror sufocante e inexplicável. A ambientação que pouco a pouco envolveria o narrador e o leitor permitiria que o mundo organizado e natural fosse afetado de uma

maneira tão invasiva que se aproximasse do caos, causando espanto diante de algo inexplorado.

Penzoldt (1952), em *O sobrenatural na ficção*, propõe a elaboração do estudo do fantástico por um caminho que permeia a crítica literária e a Psicologia Médica. O autor enumera alguns elementos estruturais, como a aparição de um espectro, ponto em que o clímax do conto é atingido e que trata da atmosfera que, gradualmente, prepara o leitor e a forma de exposição através de descrições minuciosas. Refere-se também aos aspectos psicológicos associados aos temas fantásticos, fazendo a correspondência de “fantasmas e zumbis” com a morte; do “vampiro” com o ato de sugar; do “lobisomem” com os instintos animais primitivos e da “bruxa” com as neuroses. Estabelece que os temas devem evocar o medo do primitivo, como o medo da morte. Declara que quando confundimos algo irreal com um elemento da nossa realidade é que nos encontramos em dúvida acerca do que vislumbramos, e que o caráter efêmero do momento fantástico é explicado devido ao fato de que o ser humano só abandonaria a realidade e a lógica por pouco tempo.

Todorov (1970), em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, define o fantástico como o mundo da incerteza, da hesitação e do equilíbrio instável. Aproxima-se de Freud (1919), que também se refere à ambiguidade entre o mundo real e o mundo fantasioso.

Freud (1919) explicita um elemento do “Estranho” utilizado na literatura quando diz que a sensação de estranheza pode ser vivida por um personagem, mas somente é passada ao leitor quando este se coloca no lugar do mesmo. Entretanto, separa o sentimento de estranheza psicanalítica do estético ao afirmar que existem outros elementos além dos que foram mencionados pela literatura para a criação de sensações inquietantes.

Segundo Freud (1919), o animismo, a onipotência do pensamento, a relação com a morte, a repetição não intencional e o complexo de castração são fatores que transformam algo amedrontador em estranho, e conclui: “O inquietante produz-se quando complexos infantis reprimidos são novamente avivados, ou quando

crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (p. 371). O familiar que se torna desconhecido, reprimido, gerando angústia no indivíduo, surgiria inesperadamente, causando espanto e estranhamento. Logo, o inquietante da ficção na literatura é bem mais amplo que o das vivências, pois abrange outras coisas que não sucedem nas condições cotidianas.

Para explicar o sentimento de “inquietante estranheza” que permeia várias obras literárias, Freud (1919), em sua publicação *O Estranho*, utiliza-se do conto de Hofmann intitulado “O homem da areia”. Nesse ensaio, esclarece os vários significados da palavra *Unheimlich*, declarando que se refere ao estranho/familiar como algo paradoxal. Afirma que o *Estranho* não produziria medo, mas um sentimento ímpar, de difícil definição, e que a angústia gerada está associada a um impulso reprimido que retorna com toda força pulsional das profundezas do ser e deixa uma impressão inconfundível de estranheza. Esclarece que nada estranho se introduziu: apenas uma parte da sua própria psique dominou sua vontade, por uma fraca defesa repressiva.

Lembremos, então, do texto de Freud de 1917, “Uma dificuldade da psicanálise”, onde ele tratou de mostrar, firmemente, que o ‘Eu não é senhor em sua própria casa’. Tal afirmativa constitui grande ofensa ao amor próprio humano. Nas palavras do autor,

De repente surgem pensamentos que não se sabe de onde vêm; tampouco se tem como expulsá-los. Esses hóspedes desconhecidos parecem até mais poderosos do que os submetidos ao Eu; resistem a todos os meios coercivos da vontade [...] ou ocorrem impulsos que parecem os de outro indivíduo, de modo que o Eu os renega, mas tem de receá-los e tomar precauções contra eles [...] diz a si mesmo que se trata de uma invasão estrangeira... Mas não entende por que se sente paralisado de maneira tão estranha (p. 247-248).

De acordo com Freud (1919), os fatores que poderiam suscitar o sentimento de estranheza seriam: as coincidências do desejo e realização, repetições de experiências similares em datas e lugares, as visões ilusórias, os ruídos suspeitos e o duplo.

Vamos aos contos!

Lygia Fagundes Teles (1981), em seu livro *Mistérios*, nos conta diversas situações em que podemos observar a estranheza – vivenciada pelos personagens e que podem afetar o leitor. Alguns de seus contos fantásticos que merecem destaque são: “A caçada”, “As formigas”, “Mão no ombro”, “Tigrela”, dentre outros. A autora nos leva para a Cidade do outro, que somos nós mesmos, ao encontro do “estranho/familiar” que Freud (1919) teorizou em *O Estranho*.

Machado de Assis (1882) nos revela em seu conto “O espelho” que o personagem, numa discussão acerca da metafísica, declarou que não há uma só alma, mas duas, uma que olha de dentro para fora e outra, de fora para dentro – declaração que causou espanto em todos os presentes.

O personagem chama-se Jacobina, conta sua própria experiência, dizendo que era um pobre rapaz, mas aos 25 anos foi nomeado alferes da guarda nacional e com pompa e circunstância foi convidado para passar uns dias na casa da tia viúva, que o batizou de “meu alferes”, como sua mãe o fizera, cheia de orgulho. O fato é que a tia teve que viajar de urgência e o deixou tomando conta do sítio, o qual ficava num local isolado. Na ocasião, os escravos que lá trabalhavam fugiram e o deixaram sozinho. Disse Jacobina:

Confesso que senti uma grande opressão, nenhum fôlego humano, isso era pior do que ter morrido. Não por medo, juro-lhes. À tarde comecei a sentir uma sensação de calafrio, minha solidão tomou proporções enormes. As horas batiam de século a século no tic-tac do velho relógio da sala. A noite era a sombra. Antes eu tivesse medo! Viveria! Tinha uma sensação inexplicável. Na verdade, era de enlouquecer. Ao fim de oito dias deu-me na veneta de olhar no espelho. Olhei e recuei. O vidro não me estampou a figura nítida inteira, mas difusa. Então tive medo, atribuí o fenômeno a uma excitação nervosa. Resolvi ir embora. Vesti-me com a farda de alferes e olhei no espelho e para meu espanto o vidro reproduziu a figura integral, era eu mesmo, o alferes! (p. 161).

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Guy de Maupassant (1887) nos conta algo terrível em “O Horla”, quando se sente perseguido por um fantasma que julgava ter vindo em um navio que aportou próximo à sua casa. O navio trazia brasileiros com uma notícia estranha de uma epidemia que se alastrava nas províncias de São Paulo:

Ah! eu me lembro da bela galera brasileira que passou pelas minhas janelas subindo o Sena. O ser estava ali, saltou do navio e me viu [...]. Eu sinto que o vejo [...]. E sinto também que alguém se aproxima de mim, sobe na minha cama, põe as mãos no meu pescoço e aperta, aperta com toda a força para me estrangular. Eu me debato preso por essa impotência atroz [...]. Estou perdido, alguém possui a minha alma e a governa! O Horla vai fazer do homem o que nós fizemos do cavalo e do boi, o seu objeto, o seu alimento, apenas pelo poder de sua vontade. Ai de nós! (p. 111).

Autores consagrados como Edgar Allan Poe, Jorge Luís Borges, Saramago, dentre outros, também contam essas histórias de forma incrível. São tantos contos que não cabe aqui falar, mas fica a ideia para pensarmos o que significa esse tipo de medo ou sensação estranha apresentado em tais histórias, que mais nos parece um sentimento de terrível desamparo.

Freud (1919), há quase cem anos, nos trouxe brilhante explicação para esses medos, que ainda hoje constatamos, embora não tenham a mesma motivação. Com o gigantesco avanço tecnológico e o domínio do homem sobre a natureza, seria bem possível que não tivéssemos razões para ter medo algum, no entanto, o ser humano, em sua impotência diante da finitude, não consegue superar o inevitável.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926) vincula a angústia à compulsão à repetição; desamparo psíquico; despreparo; susto e trauma. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. O autor localiza o desamparo na constituição do aparelho psíquico, em que o fator biológico diz respeito às condições de dependência sob as quais a espécie humana é lançada ao mundo em estado pouco acabado. Afirma que o fator biológico estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado e protegido, que acompanhará a criança pelo resto da vida.

Uma vez que a angústia sentida se refere ao medo da perda da mãe (ou substituto), Freud (1926) observa que tal medo se aproximaria, para a criança, do medo da perda de seus órgãos genitais. Enquanto a evolução do ego caminha, os perigos internos tendem a perder força de acordo com a ultrapassagem de cada período.

Porém, como Freud (1926) assevera, todas essas situações de perigo podem subsistir concomitantemente ou mesmo despertar angústia em um período ulterior ao apropriado. A questão central do perigo que leva à angústia não é mais apenas relacionada à perda do objeto, mas à perda do amor do objeto.

Klein (1948) pensa diferente de Freud (1926) quanto aos sentimentos de angústia despertados na criança, entendendo que a mesma se vê muito impotente face aos perigos internos e externos em virtude da atividade interna da “pulsão de morte”, presente desde os primórdios. A autora salienta que a introjeção do bom objeto, do seio gratificador, é capaz de reforçar o poder interno da “pulsão de vida” e, com isso, formar uma parte vital do ego com capacidade de preservação. Entendemos que a possibilidade de se identificar com um bom objeto minimiza a sensação de angústia e, por conseguinte, de sentir-se desamparado.

Em 1963, Klein faz uma investigação sobre o sentimento de solidão que diz ser “o resultado de uma ânsia onipresente por um estado interno perfeito, inalcançável” (p. 341). No entanto, observa que uma integração completa e permanente nunca é possível, e que é preciso ter uma compreensão e aceitação de nossas próprias emoções, fantasias e ansiedades.

Situações como o escuro, a solidão e a substituição da figura materna por alguém estranho desembocam no sentir a falta da pessoa amada e desejada. A angústia que se instala, portanto, é tributária de uma ausência de satisfação de suas necessidades, conferida pela relação com a mãe. A geração de uma confiança básica desta primeira ligação irá mediar a intensidade com que a criança experimentará suas emoções.

Bion (1962) denomina de “terror sem nome” essas sensações primitivas do bebê, que podem ser o medo de estar morrendo, pois é sentido como algo que não

encontra representação, portanto precisam ser projetadas na mãe, para que esta acolha e lhes dê significado. Pensamos que para que o “terror sem nome” seja menos sentido na vida adulta é necessária uma mãe continente, com capacidade de *reverie*, sonhar o sonho do bebê, que simbolize a dor do bebê, que as nomeie; que lhe dê palavras.

Cavani Jorge (1988), em “O acalanto e o horror”, observa que entre as experiências que se configuram como comunicação na relação com o bebê está o embalo, isto é, o ninar com a mãe adaptando seus movimentos aos da criança. O embalo da criança a encaminha para o sono. Ocorre que em canções de ninar tais como “Boi da cara preta”, “A cuca vai pegar”, cujo intuito é acalantar o bebê, observamos um paradoxo de assustar e acalmar. Sua melodia suave mistura-se à letra das canções que têm um quê de “estranho”, no sentido de amedrontar com ameaças de perseguição, especialmente a relação mãe-filho. “Pelo horror, mãe e filho elaboram a necessidade de castração, primeira forma de separação subjetiva da criança, e que à mãe remete a formas anteriores de separação em sua história pessoal” (CAVANI JORGE, p. 14).

Podemos correlacionar o entendimento do “estranho” nas canções de ninar com o “sinistro”, também presente no contar histórias. Cavani Jorge (1988) cita histórias como “Chapeuzinho Vermelho”, “Patinho Feio”, “Pequeno Polegar”, dentre outras que têm como tema central a figura do “lobo mau”, “dos ursos” que perseguem, das “bruxas” e “duende” que transformam e encantam de modo humilhante, assustador ou repugnante e faz a associação desses enredos com o terrível. No entanto, tais histórias não estão na categoria de contos fantásticos, pois, segundo Freud (1919), para que surja o sentimento “inquietante” é necessário um conflito de julgamento, de que algo considerado não existente possa ser de fato real. Uma questão eliminada pelo mundo dos contos de fadas.

A partir do que foi pesquisado, vimos que o desamparo face à impotência, ao medo da morte e da solidão, fornece reflexões sobre a constituição emocional do indivíduo. A completude narcísica de outrora inevitavelmente se confronta com a lei que interdita, e o que mais parece se destacar nas ficções analisadas é o estranho sentimento de não ter domínio sobre si e, portanto, perceber-se refém do

Inconsciente. Elementos que deveriam se manter distantes voltam a aparecer por meios escusos, provocando o encontro com a incompletude, que diz respeito ao medo da castração, ao medo de não ser amado e, por isso, abandonado.

No que concerne aos contos apresentados, podemos nos referir ao pensamento de Winnicott (1967, 1997) quando afirma que o olhar materno confere um brilho aos olhos da criança, na medida em que esta tem a experiência viva de ter sido olhada, e é preciso se sentir vivo para formar seu próprio sentimento de *self*. No conto de Machado de Assis “O Espelho”, o olhar difuso na confrontação com a própria imagem revela o estranhamento de se ver. Ele perde sua própria personalidade e assume a do outro, seu duplo, o alferes, existindo apenas uniformizado, assim como o viam a mãe e a tia. Em “O horla”, o terror de ser contaminado e dominado pelo outro que o persegue para matar é a mostra do enorme desamparo desse solitário personagem.

Na clínica, nos deparamos com ocorrências de estranheza, produzidas no paciente por se defrontar com o que sempre o aterrorizou. Tal sentimento pode ser despertado no analista devido às projeções transferenciais do paciente. Situações com as quais nos deparamos na vida comum devem fazer-se presentes no *setting* analítico, pois estamos lidando com as manifestações do inconsciente, que se apresenta de forma obscura, disfarçada, e o nosso trabalho diz respeito a reconhecer e investigar os efeitos dessas “aparições”, para que o conteúdo possa ser reproduzido em palavras, e não em atos.

Vemos nos contos “O espelho” e “O horla” a presença das fragilidades dos limites do ego, que apontam para o desespero de estar só, mas também podemos pensar que apontam para a ação de pedir ajuda, de reconhecer que precisa do outro semelhante. Concluímos que o sentimento de desamparo também pode possibilitar uma evolução humana no sentido do individualismo para a inclusão da alteridade, tão necessária nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- Assis, M. de. (2007). *50 contos: seleção, introdução e notas de John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/1974). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras psicológicas completas, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago Ed.

- Freud, S. (1915/1974). *O Inconsciente*. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1917/2010). *Uma dificuldade da Psicanálise*. Obras psicológicas completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919/2010). *O Inquietante*. Obras psicológicas completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926/2010). *Inibição, sintoma e angústia*. Obras psicológicas completas, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1933/2010). *Novas conferências introdutórias à Psicanálise – A dissecação da personalidade psíquica*, conferência 31. Obras psicológicas completas, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1933/2010). *Novas conferências introdutórias à Psicanálise – Angústia e instintos*, conferência 32. Obras psicológicas completas, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras.
- Heimann, P., Isaacs, S., Klein, M., & Riviere, J. (1986). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Hisada, S., GABRIADES, R., & OUTEIRAL, J. (2001). *Winnicott: seminários paulistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jorge, A. L. C. (1988). *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta.
- Klein, M. (1963/1991). *Sobre o sentimento de solidão – Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Laplanche, J. (1998). *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maupassant, G. de. (2016). *Contos fantásticos – O Horla e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM.
- Poe, E. A. (2017). *Contos de terror, de mistério e de morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sá, M. C. de. (2003). *Da literatura fantástica (teorias e contos)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo.
- Sampaio, A. (2009). *Os fantásticos mistérios de Lygia*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.
- Tavares, B. (2007). *Freud e o Estranho: contos fantásticos do inconsciente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Teles, L. F. (1981). *Mistérios: ficções*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Winnicott, D. (1960). *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1945/2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Winnicott, D. (1967/1997) *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artmed.